

## A SOMBRA E SEUS DUPLOS

Arcângelo da Silva Ferreira <sup>1</sup>

ROR Universidade do Estado do Amazonas

✉ adferreira@uea.edu.br



Quando acordou, resolveu que naquele dia iria procurar.

Imediatamente dirigiu-se a seu escritório, onde estavam os títulos reunidos nesses anos de sua vida. Viu brochuras, em meio a tantas. Ou fissuras no presente. Sabia, inconscientemente, que o grito oculto sugeria o prazer das imagens, narrativas mais fluidas. Porque cansado de textos ossudos. Entrar em um labirinto, como quem tateia um quarto escuro a procura de si. Mesmo sabendo que o encontro nunca é completo. Nada de certezas. Já não havia mais tempo para perder com bobagens. A vida lhe era, naquela altura, curta. Insone sensação que lhe perseguia aos berros, sempre presente como aquela relação incólume que aos poucos se tornou humana. Antes, na era do silêncio, a decifração dos desejos somente com nossos olhares; aos poucos, na era das falas, amarrada por lacônicos diálogos.

No dia em que ficou sabendo que iria ficar para sempre solitário, descia a rua, após o café na padaria do bairro, passou por aquele que longe, tampouco próximo, parecia um minúsculo ser fraturado. Mais cinco passos à frente viu que lhe perseguia. Parou, olhou nos seus miúdos olhos, cor de groselha. Com suas mãos de dedos longos pegou as costas dele, com cuidado, tirando-o do caminho. Viu que a coloração dos olhos havia mudado. Mais dois passos. Sem olhar prá trás e a sensação de ter ouvido vozes. Seu nome! Seria possível, na hora exata em que todos os automóveis saiam de suas garagens, ter ouvido, Ô Francisco, precisamente três vezes seguidas? Puxa, estou mesmo ficando louco, ou será que os sons emitem dispersas luzes e no fundo os nomes ou o nome que nos ajudam a pensar que somos a herança de pretéritas realidades? Uma socada no coração e logo a lembrança dos sete dias em que ficou com um medo que parecia eterno. Talvez por isso sua vida ficasse assim.

REVISTA  
Decifrar

(ISSN: 2318-2229)

Vol. 12, Nº. 24 (Jul-Dez/2024)

## Informações sobre os autores:

1 Professor na Faculdade de História no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP) da Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Doutor em História Social da Amazônia pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia (PPHIST) da Universidade Federal do Pará (UFPA), Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e Licenciado em História pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).



10.29281/rd.v12i24.16114

## Fluxo de trabalho

Recebido: 21/08/2024

Aceito: 16/10/2024

Publicado: 07/02/2025

Editora da Universidade Federal do Amazonas (EDUA)

Programa de Pós-Graduação em Letras

Faculdade de Letras

Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELIP)



Este trabalho está licenciado sob uma licença:



Verificador de Plágio



Naquele dia do acaso, horas mais tarde, saberia que ouvira mesmo um nome próprio, mas não era o seu. Muito depois, mesmo fugindo desta imagem abstrata, num plano pensava que aquelas supostas mãos, ritualisticamente, pisando nas flores dos travesseiros e todas as noites, às vezes, encarnavam a figura dele.

Buscava há muito voltar. Talvez reviver sua infância. Quando aquele homem lhe dera de presente *A Diversidade dos Felinos*. Desde lá uma paixão incomensurável pelos tigres.

Agora, sentado em sua cadeira de balanço, com o livro nas mãos e, por instantes olhando as imagens emolduradas por rara edição, a saudade veio em forma de chuva. Horas se passaram naquela busca e já eram às últimas da tarde entrando pela claraboia, invadindo o quarto, culminado com o momento em que encontrou parte do que procurava, nessa estrofe, livre.

Última vez que, descansando em suas coxas, aquele ser humanizado pela convivência, ouviria o som em inúmeras vozes quando, lentamente a criança, fisicamente envelhecida pelo intangível, leria o grifo que vinha das páginas, nos escritos inscritos na centésima do volume desse certo escritor cuja literatura acabou por revelar ângulos diversos, dispersos na grafia da luz:

*O orgânico no espelho, não revela minha alma.*

*Sou aquele atrás, em branco e preto.*

*Fixo no flagrante da imagem.*

*Móvel nesse ínfimo infinito.*

Após um suspiro profundo, o bicho, não sentindo mais o calor das artérias de seu amigo, decidiu que já estava na hora de retomar àquela vida interrompida quando começou a ouvir vozes. Ao saltar, desumanizando, olhou, finalmente, as cores disformes de uma memória que nunca mais lhe serviria como matiz.

Houve uma pausa, revelando a polifonia do silêncio, das imagens impressas naquela antiga brochura...

Agora, novamente, as ruas esperavam por outras tramas desenhadas nas sombras subsumidas do tempo.

Para Francisco, o poeta da vida.